

Em busca de uma lingüística que *sirva para viver*

Myriam Cadorin Dutra*

Resumo – Buscando uma reflexão interdisciplinar para compreender interações situadas no universo de trabalho organizacional, e tendo como pano de fundo o enunciado de Benveniste (1995, p. 222) “[...] bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para viver”, o artigo busca evidenciar a importância da lingüística da enunciação como viabilizadora de uma compreensão sistêmica da língua, capaz de ampliar entendimentos sobre a dinâmica de interações entre sistemas abertos de conhecimento. Tenta mostrar a importância de Benveniste para esta explicitação, acreditando estar contido em seu trabalho uma visão da língua que contempla um sujeito naturalmente inserido em sua fala.

Trabalhando na construção de melhorias em gestão – de pessoas, de processos, de grupos, de clima organizacional – numa empresa de desenvolvimento urbano, acompanho movimentos de produção de conhecimento em reuniões de trabalho com grupos interdisciplinares, formados por engenheiros, arquitetos, sociólogos, pedagogos, economistas e administradores do quadro da empresa, e de uma rede de terceirizados de profissionais de várias áreas do conhecimento. E sempre tenho me deparado com questões relativas à comunicação e à interação que impactam o processo de construção do pensamento e da ação.

A partir de atuação profissional de natureza totalmente interacional – em grupo, e por falas, a exigir construção de sentidos coletivos a partir de saberes individuais – venho formando a convicção de que estudos pertencentes à área da lingüística da enunciação poderiam gerar a construção de outras formas de trabalho que se estruturam pela linguagem, em função de sua compreensão

* Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada da UNISINOS.
e-mail: mydutra@terra.com.br

de dinâmicas de falas entre grupos no ambiente da organização, que vivem, a todo o momento, o *aprender-fazendo*.¹

A empresa, hoje, é um grande espaço de transformação do humano e da configuração da visão intersubjetiva de mundo. Vem ocupando o lugar da escola, da universidade, da família, do clube, da praça, dos amigos. Ali ocorre, a despeito de tudo, o social, o interativo. Principalmente por esse motivo, penso ser importante a reflexão sobre o uso da palavra, sobre a compreensão já alcançada pelas ciências da comunicação, sobre o lugar que ocupa a linguagem na vida dos homens.

Este artigo pretende, então, provocar pequenos movimentos de convergência para uma compreensão mais ampliada da interação, da enunciação, da produção de sentido. Tendo como fio condutor (um fio de aço) o enunciado de Benveniste "[...] *bem* antes de servir para comunicar, a linguagem serve para viver"² procurei,³ primeiro, referir a importância da lingüística da enunciação como promotora de uma compreensão sistêmica da língua, capaz de, principalmente, acender luzes (holofotes) para entendimentos mais claros na formação de sistemas abertos de conhecimento; segundo, tentar mostrar a importância de Benveniste para a convergência de movimentos buscada, já que parece haver nele uma visão sistêmica da língua, que transcende a visão estruturalista; terceiro, buscar a compreensão da relação eu-tu-ele (nós?) numa tentativa de tornar evidente a inserção do sujeito na sua fala.

1 A língua (e a lingüística): como compreender o funcionamento de redes de comunicação abertas ou sistemas abertos de conhecimento sem levá-la(s) em consideração?

Num momento em que vivemos uma das maiores crises de fragmentação – talvez irreversível⁴ – dentro da história da huma-

¹ Kim (1993) fundador do *Center for Organizational Learning* do MIT, mostra que, em adultos, o aprendizado mais importante ocorre no local de trabalho, e não na sala de aula, através do uso constante da intuição, do julgamento, das *expertises*, do bom-senso, das decisões sempre ligadas às atividades cotidianas.

² Benveniste, 1995, p. 222.

³ Os textos trabalhados a partir do quais irei referir Benveniste são "a forma e o sentido na linguagem" (1989), "a linguagem e a experiência humana" (1989), "o aparelho formal da enunciação" (1989), "da subjetividade na linguagem" (1995) e "estrutura das relações de pessoa no verbo" (1995).

⁴ Santos (1987, p. 23-28) aponta como profunda e irreversível a crise instalada no modelo desenhado pela racionalidade científica. Segundo o autor, o paradigma que emerge ainda não pode ser claramente visualizado, mas, desde já, se pode afirmar com

nidade, começam a surgir tentativas de instalação de outras lógicas possíveis, que possam dar conta da manutenção de padrões não lineares de organização,⁵ que exigem realimentação, que se parametrizam por conceitos desenvolvidos pela teoria da complexidade. Olhar para as organizações configuradas em redes, verdadeiros sistemas abertos de conhecimento, é uma possibilidade de compreender como uma outra lógica pode se instituir dentro de um modelo de movimento coerente com o *vir-a-ser*.⁶

Sistemas abertos de rede detêm fluxos de informação centrados em pessoas, que estabelecem redes de comunicação auto-organizadas. Seus participantes têm poder de decisão e sustentam sua ligação numa motivação baseada na realização e no relacionamento interpessoal, traduzida por cooperação, firmada como compromisso com o grupo. Nesse contexto, as relações internas não podem ser fluxogramadas linearmente, porque ativam, o tempo todo, relações sistêmicas, de estruturas flexíveis, presenciais e virtuais.

Nas organizações empresariais, toda a produção de conhecimento destas redes de pessoas dirige-se ao desenvolvimento de competências amplas e ao monitoramento do surgimento de lideranças solidárias, que primam pela ação solidária em trocas contínuas, inclusive afetivas. Um dos pilares de sustentação destas redes – que são pura interação e enunciados – além da matemática da complexidade (teoria do caos⁷, teoria dos sistemas dinâmicos) é a lógica do terceiro incluído.

Como representação, podemos visualizar assim a dinâmica do terceiro incluído:⁸

segurança que colapsarão as distinções básicas em que se assenta o paradigma dominante, do tipo natureza/cultura, humano/animal, conhecimento científico/senso comum.

⁵ Weil e outros (1993, p. 7) apontam a crise paradigmática da fragmentação, em que submergem escolas, universidades, instituições públicas, empresas e, sobretudo, o *ser de cada um*, também dissociado em vida instintiva, emocional, mental e espiritual, e em constante conflito. Propõe um movimento de renovação, com uma nova terminologia: integração, sistema, holística, interface, parceria, correlacionamento de matérias, interdisciplinaridade, transdisciplinaridade, dentre outros conceitos.

⁶ Wheatley e Keller-Rogers (1996) assinalam que a vida, por estar sempre em movimento, está sempre "vir-a-ser o vir-a-ser". A vida se movimenta em espirais para dentro para dar à luz um eu e para fora a fim de criar o mundo. Nós nos voltamos para dentro para dar à luz um eu. Então, o eu se expande para fora, buscando outros eus, unindo-se a eles. Sistemas se criam e a expansão e o desejo se organizam em formas significativas e complexas" (p. 88).

⁷ Com respeito à Teoria do Caos, ver CAPRA: *Ponto de mutação* (São Paulo: Cultrix, 1982) e *Sabedoria incomum* (São Paulo: Cultrix, 1988).

⁸ Representação em diagrama apresentado pela Prof. Dra. Beatriz Franciosi, em nov/2003, em seminário sobre Gestão do Conhecimento, no MBA Tecnologias de Comunicação e Informação em Educação – PUCVirtual/PUCRS.

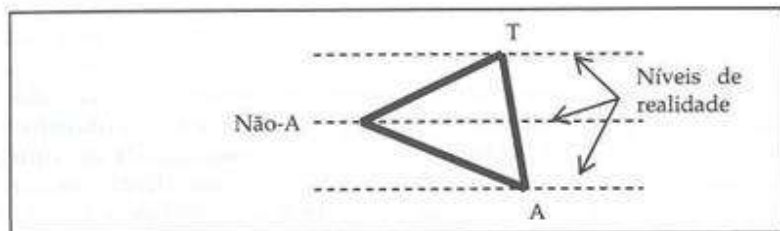


Figura 1

Redes de comunicação baseadas nesta lógica, segundo Franciosi (2003), não funcionam como grupos lineares que se utilizam da lógica clássica, onde um elemento exclui outro, posicionando-se um *versus* o outro. Em redes abertas, o trânsito ocorre entre níveis de realidade. Dessa forma, tem-se que um elemento A (Figura 1) posicionado em um nível de realidade, movimenta-se em direção a um Não-A, por sua vez localizado em um outro nível de realidade, e juntos ou individualmente alcançam um terceiro nível de realidade, transformando-se num T. A movimentação entre esses três planos de realidade se dá por movimentos espirais contínuos, passando por momentos de convergência e por momentos de divergência, mas sempre conseguindo um deslocamento rumo a um terceiro plano onde um terceiro começa a existir. Não há exclusão e suas relações são impossíveis de se rastrear porque, em períodos de convergência, onde a interação é total, ocorrem saltos de desempenho.

Sistemas *não lineares*, porém, ao contrário daqueles que estão configurados dentro da lógica cartesiana, são instáveis, porque pequenas alterações nas interações presenciais ou nos dados de entradas virtuais produzem grandes alterações nos resultados. Redes assim estruturadas transcendem a disciplinaridade, e por isso são organizações transdisciplinares, fundamentalmente diferentes de organizações multidisciplinares ou interdisciplinares. De acordo com Franciosi (2003), a travessia entre os níveis de realidade possibilita e potencializa relações de afetividade (ligação de nós com nós mesmos) e relações de efetividade (ligação entre nós e o mundo). Além disso, essa travessia entre os três níveis de realidade dá-se por espaços (ou áreas ou níveis) coletivos criados por sujeitos participantes desta rede, ou por espaços (ou áreas ou níveis) individuais, nos quais se acessa conteúdos estruturados. Tais espaços são chamados *espaços de equilíbrio* (idem, 2003).

Assim, espaços coletivos, onde os participantes estão interligados, e espaços individuais, independentes, geram redes auto-organizadoras, que são os próprios ambientes de aprendizagem, reais ou virtuais, entendendo-se aqui o conceito de ambientes de aprendizagem como qualquer ambiente que propicie transformações de visões subjetivas, em qualquer lugar, em qualquer tempo. Nesses ambientes (figura 2), a interação, os enunciados, ou seja, o sujeito, a sua fala, a falta dela, nos silêncios, e a sua escuta assumem importância vital, garantidora da movimentação em espiral, entre *eus e sistemas*.

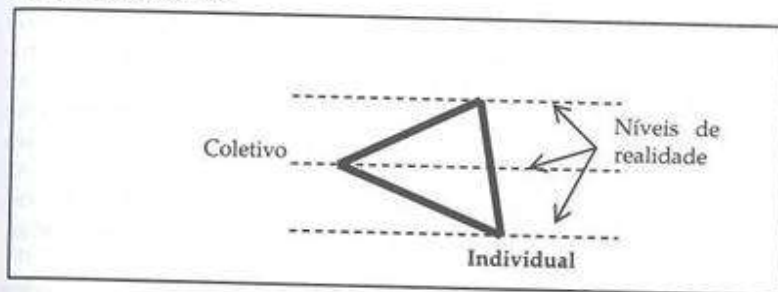


Figura 2

Na lógica do terceiro incluído, os dizeres *são* as próprias ações e, tomando-se este processo sob um ponto de vista enunciativo, é possível perceber que a atenção dos sujeitos não fica apenas ancorada entre palavras e coisas, mas se fixa, também, numa ação compreensiva de processos intersubjetivos responsáveis pela versão pública de mundo que se constrói a cada momento de interação. Nos processos de redes abertas, em que a passagem entre os níveis de realidade se dá de maneira intensa, profunda e quase definitiva – pela compreensão, pela interpretação – é possível se ver que a compreensão não é apenas um processo cognitivo abstrato. Pelo contrário, percebe-se que é uma produção interacional que se manifesta “no encadeamento pelo qual o locutor seguinte se apóia sobre os dizeres do locutor anterior”.⁹

Mas como acontecem estas interações, repletas de enunciados capazes de possibilitar saltos de compreensão que se transformam em redes coletivas, ou novos sistemas, que geram desenvolvimento? De que forma os conceitos entre A (num nível de realidade, conforme a Figura 1) e entre Não-A se alteram e se re-organizam?

⁹ Mondada, 1997, p. 61-75.

Com que olhos, ou melhor, com que olhar, com que escuta, poderemos compreender o que acontece ali?

Muitas ciências procuram dar conta de compreender *como*, efetivamente, a interação produz sentidos compartilhados. Mas ao empreenderem essa busca, acabam por passar apenas superficial e rapidamente pela linguagem, e limitam-se a apontar aspectos anteriores ou posteriores ao ato da enunciação em si, relativos ao seu objeto de análise, seja ele a arte, a educação, o social, a economia, a gestão, deixando descoberto (ou seria encoberto?) aspectos realmente geradores, no meu ponto de vista, de condutas importantes.

Nas artes plásticas, por exemplo, estudos de Ostrower (1997) mostram um sujeito produtor de uma expressão plástica estruturada num contexto individual, mutável a cada instante. A autora afirma que, quando juntamos consciente e inconsciente, tudo o que sabemos e sentimos, e o que somos, a intuição se torna a via para os processos cognitivos e expressivos, dada essa integração. As perguntas e as respostas surgem a partir de uma seleção interior, assim como a verdade de cada indivíduo, seus desejos, afinidades, interesses, aspirações e valores.

Em administração, autores como Moscovici (1994), Senge (1990), Morgan (2000), Wheatley (1996), Chanlat (1996), Argyris (1992, 1999) estudam e pesquisam gestão, gestão de mudança, organização para o aprendizado, liderança, equipe, estratégia, motivação, alta performance, e são unânimes em evidenciar a importância da comunicação. Mas pouco dizem sobre aspectos intrínsecos ao ato de enunciação, limitando-se a diagnosticar cenários, apontar causas e receitar soluções nem sempre pertinentes às situações dadas.

Na produção do pensamento filosófico-educacional, percebe-se inquietação a respeito do que sustenta o sujeito e seu senso de humanidade, o olhar atento, a ética do cuidado, a consciência crítica, o pensar complexo, através de pressupostos de Freire (1996), Alves (2000), Morin (2000), Perrenoud (2000), Boff (1999) e Weil (1993). Mas, da mesma forma, aspectos intrínsecos à linguagem e à enunciação não são abordados. Nas ciências sócio-econômicas, o sociólogo Santos (2000) e os economistas Sem (2001) e Gianetti (2002), por exemplo, discutem a importância do bem-estar subjetivo como um bem de capital, do fazer criativo, como expressão plena do ser. Questionam também conhecimentos emancipatórios que geram sustentabilidade aos sistemas, entendem desenvolvimento como processo de expansão e utilização das liberdades, e também tocam em aspectos da comunicação ligados à troca de

idéias, a contratações, à transmissão de idéias entre gerações, à proteção das crenças de um ponto de vista externo à linguagem.

A lingüística da enunciação abre espaço para a reflexão que procuro fazer, à medida que propõe estudar o sujeito e sua fala, e não mais apenas a língua, ou seja, à medida que se ocupa não mais apenas de estruturas destacadas de seu contexto. É em Benveniste que penso encontrar uma visão sistêmica da língua, que contempla o sujeito e sua fala.

2 Benveniste: a possibilidade de um olhar sistêmico sobre a língua?

As coisas do mundo, para nossa percepção, definem-se a partir de diferenciações e de limites que coexistem para que possamos compreender e interpretar eventos, sejam eles de natureza física ou mental. A todo momento, novas totalidades se estruturam e se reestruturam na nossa percepção, e assim vamos vendo o todo, por partes, com enfoque que é *naturalmente* qualitativo (e não quantitativo), olhando para fenômenos em termos de relações, e não de quantidades.¹⁰ Pesquisadores afirmam que “o todo é mais do que a soma das partes”¹¹ porque a *soma* é diferente da *adição* de uma parte *mais* a outra, ou seja, a totalidade nunca é só a adição de suas partes. Assim é nossa forma natural de perceber e, por consequência, compreender.

Portanto, há algo dentro de nós que busca esta forma de olhar, que

[...] adora montar um quebra cabeça, que adora ver emergir a imagem do inteiro. A beleza de uma pessoa, ou de uma flor, ou de um poema, está em vê-los por inteiro. O raciocínio sistêmico é uma disciplina para ver o conjunto, uma estrutura para ver inter-relações em lugar de coisas, para ver padrões de mudança em lugar de “instantâneos” estáticos (Senge, 1990, p. 75-76).

O raciocínio sistêmico (natural para os teóricos da percepção da Gestalt, e desenvolvido a partir de princípios gerais para os

¹⁰ Ostrower (1998, p. 70), ao abordar a teoria da Gestalt, afirma que o todo não vem da adição, mas da integração de suas partes. O todo é sempre uma síntese. Ao se interligarem diversos componentes, aparece uma nova totalidade, que apresenta também novas qualidades. Estas novas qualidades não são apenas a simples conjugação das qualidades anteriores existentes separadamente em cada um dos componentes, porque, ao serem aglutinados num novo nível, aquilo que compunha a parte, bem como suas propriedades, transformam-se a ponto de não poderem mais se reduzir ao estado em que estavam.

¹¹ Ostrower (1998, p. 70), citando Max Wertheimer, um dos principais pesquisadores na área da psicologia da percepção, e um dos formuladores da Teoria da Gestalt (Gestalt, alemão: figura, configuração, forma).

teóricos da cibernética e do servomecanismo da engenharia, no século 19) tem gerado muitos instrumentos, que, nos últimos vinte anos, vêm sendo usados para se entender diferentes sistemas como os empresariais, os urbanos, os regionais, os econômicos, os ecológicos, os políticos, os fisiológicos. Através do raciocínio sistêmico, é possível compreender a complexidade e interpretar círculos de relacionamento e interdependência, impossíveis de se visualizar e compreender por um raciocínio linear.

Na essência da visão e do raciocínio sistêmicos, privilegia-se ver inter-relações ao invés de apenas cadeias em linha reta de causa e efeito. E, quando se olha pontualmente para alguma "parte" do sistema, enxergam-se processos de mudança no lugar de instantâneos independentes e deslocados do todo. Ver dessa forma seria muito fácil para nós se não estivéssemos todos contaminados pelo vírus da linearidade (vemos linhas retas quando deveríamos ver círculos¹²) impostos pela escolaridade tradicional, que por pouco não nos impossibilita de perceber *feedbacks*.¹³

A imposição positivista, mesmo nas ciências sociais, obrigou-nos a olhar processos com ênfase na quantificação, rejeitando-se todas as explicações que se baseavam em fenômenos subjetivos, como a intenção, por exemplo, induzindo-nos ao abandono da visão da complexidade, totalmente sistêmica. Capra (2002, p. 93), cientista pesquisador de conexões sistêmicas, sugere uma outra compreensão da vida, de forma integrada, a partir de uma estrutura conceitual que considera a forma, a matéria, o processo e o significado, que nos possibilitaria compreender sistemicamente a realidade social. No minha opinião, também se poderia olhar para

a língua sob uma visão sistêmica, a partir da qual seria possível considerar a convergência de várias (e incomunicáveis entre si) teorias, consideradas como modos de olhar, e não como verdades absolutas e excludentes. Uma visão sistêmica da língua ajudaria a construir um entendimento ampliado do humano, especialmente, no que diz respeito ao eixo do significado.

Uma ampliação da hipótese de compreensão sistêmica para vários aspectos, de acordo com Capra (2002, p. 93), baseia-se firmemente no pressuposto de que "a vida é dotada de uma unidade fundamental, e de que os diversos sistemas vivos apresentam padrões de organização semelhante". A língua é um organismo vivo e, portanto, possui estruturas de um sistema vivo.

Essa compreensão sistêmica da língua parece estar contida em Benveniste, que instala quase que um super-axioma para uma lingüística da enunciação, ao afirmar a impossibilidade de, como lingüistas, enumerarmos todas as funções da linguagem, pelo simples fato de que, enumerando-as, teríamos que listar todas as realizações da fala, todas as atividades humanas individuais e em grupo, tudo o que o homem faz, pensa e fala, o que apenas, mais uma vez, nos manteria num *status* de estudo classificatório:

[...] Antes de qualquer coisa, a linguagem significa, tal é seu caráter primordial, sua vocação original que transcende e explica todas as funções que ela assegura no meio humano. [...] para resumi-las em uma palavra, eu diria que, *bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para viver. Se nós colocamos que à falta de linguagem não haveria nem possibilidade de sociedade, nem possibilidade de humanidade, é precisamente porque o próprio da linguagem é, antes de tudo, significar.* Pela amplitude desta definição, pode-se medir a importância que deve caber à significação (Benveniste, 1989, p. 222).

A partir desse pressuposto, é quase impossível subdividir a linguagem em unidades mínimas, recortadas para estudo e olhadas separadamente, como se faz em muitas ciências naturais. Porque a linguagem

[...] não releva do mundo físico; ela não é nem do contínuo, nem do idêntico, mas bem ao contrário, do descontínuo e do dissemelhante. É por isso que ela não se deixa dividir nem decompor; suas unidades são elementos de base em número limitado, cada um diferente do outro, e suas unidades se agrupam para formar novas unidades, e estas por sua vez poderão formar outras ainda, de um nível cada vez superior. Ora, a unidade particular que é o signo, tem por critério um limite inferior; este limite é o da significação; não podemos descer abaixo do signo sem perder a significação (Benveniste, 1989, p. 224-225)

¹² Senge (1990, p. 80-81) diz que "apesar da realidade ser feita de círculos, só vemos linhas retas e aí começamos a limitar o raciocínio sistêmico. Uma das razões dessa fragmentação do raciocínio é a linguagem que utilizamos. A linguagem modela a percepção e o que vemos depende do que estamos preparados para ver. Os idiomas ocidentais, com sua estrutura sujeito-verbo-objeto, levam a uma visão linear. Entretanto, para ver as inter-relações de um sistema, precisamos de uma linguagem feita em círculos. Tomemos como exemplo um sistema muito simples - encher um copo de água. Do ponto de vista linear, dizemos: 'Estou enchendo um copo de água'. Porém, de fato, enquanto enchemos o copo, vigiamos o nível da água [...], monitorando a diferença entre o nível do momento e o nível desejado. [...] ao enchermos um copo de água, nós atuamos dentro de um sistema de 'regulação de água' que envolve cinco variáveis: o nível de água desejado, o nível atual, a diferença entre os dois, a posição do registro, e o fluxo de água. Essas variáveis estão organizadas num círculo de relações de causa-efeito chamadas 'processo de feedback', o qual opera continuamente a fim de trazer água ao nível desejado".

¹³ Sistemas têm mentalidade própria e o *feedback* de reforço, o de balanceamento e o tempo de espera, segundo Senge "são elementos bastante simples, porém de inestimável valor na elaboração dos arquétipos de sistemas, estruturas mais elaboradas que se repetem continuamente na nossa vida pessoal e profissional" (1990, p. 97).

Benveniste parece lutar contra o dogma (dominante) do rigor científico que é aferido pelo rigor de medições, e que torna tudo o que não pode ser quantificável num ser ou coisa irrelevante sob o ponto de vista científico. Ele parece admitir a complexidade da fala humana, e, por conseqüência, a complexidade do viver, privilegiando um estudo sobre o fim das coisas, sobre um *por que*, que não rompe com o conhecimento do senso comum, que se interessa pelo *como funciona*¹⁴ até o limite onde isso não signifique romper com o que é real, vivo, sistêmico, complexo, simples, do humano. Não pressupõe uma idéia de ordem e de estabilidade do mundo, tal como o faz o dogma mecanicista, mas, sim, considera o movimento, a ligação com o outro, a abertura para exercitar novas interações, o vir a ser.

3 Não parece evidente a inserção do sujeito na sua fala?

Se definirmos o signo como uma unidade semiótica, então ele existe enquanto tem um significado, ou enquanto produz um sentido para aqueles que o usam. Indo além de Saussure, Benveniste (1989, p. 227-228) afirma que o signo já não é mais o princípio único de amarração da língua, e sim uma unidade semiótica com significação no universo do grupo que o usa. Os signos entram numa rede de oposições e relações, junto a outros signos, para poder significar, e passam, no momento seguinte, agora através da frase, a exercer seu caráter semântico, de comunicar. A palavra realiza o sentido, e a frase contém o sentido, que nada mais é do que a idéia que a própria frase carrega. Significar, então, é produzir um sentido para alguém, que diz sim ou não a partir do seu universo simbólico e cognitivo.

Benveniste (Benveniste, 1989, p. 232) demonstra a cumplicidade existente entre as palavras (na cooptação de sentido) dentro da relação sintagmática, no fenômeno onde as palavras adquirem valores que, em si mesmas, antes, não possuíam. Mostra que conceitos antagônicos como *ter* e *perder* constroem sentido de apoio um ao outro em *eu tenho perdido*. Opostos como *ir* e *vir* se juntam

¹⁴ Para Santos (1987, p. 15-16), o "mundo é complicado e a mente humana não o pode compreender completamente. Conhecer significa dividir e classificar". As leis da ciência moderna acabaram desconsiderando a complexidade porque são calcadas em um tipo de causa formal que privilegia o *como funciona* das coisas em detrimento de *qual o agente ou qual o fim* das coisas. É por esta via que o conhecimento científico rompe com o conhecimento do senso comum. [...] Enquanto no senso comum, e, portanto, no conhecimento prático em que ele se traduz, a causa e a intenção convivem sem problemas, na ciência, a determinação da causa formal obtém-se com a expulsão da intenção".

em *ele vai vir*. *Dever* e *receber* se unem semanticamente (quando sempre estiveram em oposição) em *ele deve receber*. E tudo isso de forma tão banal que quase nem percebemos.

Como, então, podemos desconsiderar (fato tão comum em ambiente de interação organizacional) que o sentido da frase se encontra na *idéia total* que é percebida por uma compreensão global? E como é que acontece essa compreensão global? Como se produz este enunciado que supera, no seu total, a soma dos significados das unidades mínimas, os signos? É a língua um instrumento, ou, definitivamente, não?

Em *Da subjetividade na linguagem* Benveniste (1995, p. 284-285) reafirma a inexistência de um sujeito sem linguagem, e a coloca como a faculdade de significar e de simbolizar:

Na realidade, a comparação da linguagem com um instrumento [...] deve encher-nos de desconfiança, como toda a noção simplista a respeito da linguagem. Falar de instrumento é pôr em oposição o homem e a natureza. A picareta, a flecha, a roda, não estão na natureza. São fabricações. A linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou. Inclino-nos sempre para a imaginação ingênua de um período original, em que um homem completo descobriria um semelhante igualmente completo e, entre eles, pouco a pouco, se elaboraria a linguagem. Isso é pura ficção. Não atingimos nunca um homem separado da linguagem e não o vemos reduzido a si mesmo procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição de homem. [...] É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na *sua* realidade que é a do ser, o conceito de "ego" (idem, p. 285-286). (Grifos do autor)

Temos, então, que a subjetividade é a própria capacidade do locutor em se apresentar como sujeito. É um *ego que diz ego*. Cada locutor se mostra no discurso como um sujeito que remete a um *eu*, e que imediatamente institui um *tu*, para o qual se dirige. Dessa forma, o *tu* está diretamente ligado ao *eu*, desaparecendo, com isso, a partir de Benveniste a oposição recíproca entre o *eu* e o *outro*, entre o *indivíduo* e a *sociedade*. A instauração do *eu-tu* é tão natural que, segundo o autor, não existe língua que não tenha pronomes pessoais, simplesmente porque não poderia existir língua sem a expressão da pessoa (idem, p. 287).

A partir dos gramáticos árabes (para quem a primeira pessoa é *aquele que fala*; a segunda, *aquele a quem nos dirigimos*; e a terceira *aquele que está ausente*) Benveniste (1995, p. 250) instala a não ho-

mogeneidade entre os pronomes *eu-tu* e *ele*. Enquanto *eu* e *tu* designam pessoas, a *terceira pessoa* é uma *não-pessoa*, não aparece no mesmo plano das duas primeiras (idem, p. 252). A *terceira pessoa* nunca é tratada, realmente, como uma *pessoa* verbal, e, em geral, seu uso é voltado para a designação do impessoal, servindo sempre para designar uma *não-pessoa*. O *eu* e o *tu* podem ter unicidade, mas *ele* pode ser qualquer sujeito, muitos ou nenhum, pode especificar *nada* ou *ninguém*. É a única forma pela qual qualquer coisa pode ser predicada verbalmente é através da *terceira pessoa* (idem, p. 252-253). A esse respeito, Muniz Freire (2001, p. 57) considera que Benveniste nos mostra que o *ele* desempenha a função de um elemento neutro, ausente, que possibilita, pela sua ausência, que o *eu* e o *tu* não se confundam em sua reversibilidade. Benveniste, para o autor, acentua uma compreensão de Lacan: do ponto de vista psicanalítico, só é possível que dois interajam sem perder suas individualidades *se um terceiro tenha aceitado encarnar a ausência, tenha aceitado incorporar a presença da morte, presentificando, dessa forma, um vazio fundador*. O valor de *ele*, ou seja, seu *status*, reside no fato de que faz parte de um discurso enunciado por um *eu*.

Igualmente importante em Benveniste, segundo Amarin (2001, p. 99), é a questão do plural dos pronomes. O pronome *nós* não poderá ser plural de *eu* e *tu*, porque *eu* e *tu* são pessoas únicas, sendo impossível sua multiplicação. O pronome *nós*, de acordo com a autora, é a junção de um *eu* e um *não-eu* (*eu + tu* ou *eu + ele*) e não a replicação de vários *eu* ou de vários *tu*. Quando se trata de pessoas, é impossível uma pluralização.

Outra mostra da intersubjetividade marcada na língua é a questão de sua temporalidade. No texto *a linguagem e a experiência humana*, Benveniste mostra que os pronomes e a categoria de tempo também são formas lingüísticas que revelam a experiência subjetiva. Um pronome (assim como outros dêiticos) é apenas uma forma vazia fora do discurso, e adquire sua substância cada vez que é assumido por seu enunciador, tornando-se único, vivendo seu momento de glória de poder significar a partir de um ponto central (*um Ego*), e jamais se realizando novamente daquela forma.

Quanto ao tempo, é pela língua que ele se manifesta como sendo uma experiência humana, e seu centro (o do tempo) se fixa no *presente da instância da fala*, que se desloca acompanhando o discurso, e é reinventado a cada momento de fala, que é novo, não vivido ainda. Na realidade da língua, então, instala-se, implicitamente, a capacidade de dispor o tempo presente, fundamento das outras posições temporais de passado e de futuro, entendidos como tempos não-presentes, *vistos para frente ou para trás a partir do*

presente (Benveniste, 1989, p. 74-75). A língua ordena o tempo por um eixo, que é *sempre e somente a instância do discurso*. Quando há necessidade, por motivos pragmáticos do enunciador, de outra referência de tempo, imediatamente o discurso se utiliza de uma graduação de tempo crônico socializado, utilizando-se de conversão.

Em *O aparelho formal da enunciação*, Benveniste (1989, p. 81-82) insiste que as condições de emprego das formas da enunciação são diferentes das condições de emprego da língua: *são, em realidade, dois mundos diferentes*. A enunciação é este *colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização*, revelado pelo ato de produção do enunciado:

É preciso ter cuidado com a condição específica da enunciação: é o ato mesmo de produzir o enunciado, e não o texto do enunciado, que é nosso objeto. Este ato é o fato do locutor que mobiliza a língua por sua conta. A relação do locutor com a língua determina os caracteres lingüísticos da enunciação. [...] O mecanismo desta produção é um outro aspecto maior do mesmo problema. A enunciação supõe a conversão individual da língua em discurso. Aqui a questão – muito difícil e pouco estudada ainda – é ver como o “sentido” se forma em “palavras” (1989, p. 82 e 83).

Sendo a língua mera possibilidade de língua antes da enunciação, tudo se reverte quando o ato de enunciar opera a introdução do locutor em sua fala. A partir desse ato, a língua passa a ser discurso, atingindo um ouvinte e provocando uma outra enunciação de retorno. Trata-se de um processo de apropriação para referir o mundo, que implanta imediatamente um outro diante de si que co-refere, instituindo índices (*este, aqui, lá*) que renascem a cada enunciação, num tempo único marcado pelas formas temporais, impondo a coincidência do presente com a enunciação.

Na interpretação que Dufour (2000, p. 102) faz de Benveniste, *eu-tu/ele* são apresentados como uma trindade natural, constante nas interações do viver. Há nesse conjunto de três termos várias composições de relações: a relação unária do *eu* reflexivo, as diversas relações diádicas (*eu e tu, eu + tu e ele, tu e ele*), e a relação trinitária dos três termos entre eles mesmos. A partir da relação triádica de possibilidades, Dufour mostra a construção de duas alteridades que sustentam o discurso: a primeira, composta pelo *eu e tu*, institui o outro (*o tu*); a segunda, composta pelo *eu+ tu e ele*, institui o Outro (*o ele*). Ambos (*o outro/tu e o Outro/ele*) formam, pelo menos, duas alteridades com o mesmo *eu* inscritas na relação trinitária do discurso. Essas são, segundo Dufour (2000, p. 103), as con-

dições do discurso e, sem elas, o discurso, entregue à forma unária, seria apenas um universo abissal, ao mesmo tempo dramático e pitoresco, que projetaria um sujeito dilacerado entre o autismo e o delírio desenfreado onde a linguagem falaria sozinha.

Se assim é, pergunto: não seria essa matriz trinitária a matriz padrão do desenrolar natural da interação, que se repete no desenrolar (também natural) dos níveis de realidade propostos pela lógica do terceiro incluído? E não estaria tudo isso já contido em Benveniste?

A respeito do movimento interior da fala, Settineri (2002, p. 252) diz: "em toda a fala há sempre um endereçamento, e nela está sempre contida uma demanda, de amor ou de reconhecimento, constituindo, enfim, demanda de resposta". Dentro da perspectiva lacaniana, a fala sempre inclui subjetivamente sua resposta. Isto também já não estaria contido em Benveniste?

Diante de tudo isso, acredito que Benveniste antecipa a visão da lingüística como uma área de investigação estabelecida numa espécie de interface,¹⁵ avançando por zonas de conhecimento divisórias com várias disciplinas, obrigando o lingüista a se colocar, necessariamente, num ponto de vista interdisciplinar.

Recentemente, estudos no campo da lingüística da enunciação reafirmam seus pressupostos saussurianos para ir além,¹⁶ juntam-se a outros saberes e articulam, interdisciplinarmente, diferentes linhas de abordagem para a compreensão do sujeito e do sentido expressos na e pela língua, problematizando conceitos sob variados pontos de vista. Estamos, como lingüistas, conectados à necessidade de convergir, buscando o equilíbrio do equilibrista, que põe tudo que é e faz em cada movimento de desestabilização, centrado no intrínseco, no essencial.

Compreendemos que o mundo está em movimento, que tudo é mutável, incompleto, imprevisível. Que a vida mantém-se unida em eus e sistemas, recriando-se a cada momento para descobrir novos significados, movimentando-se no amplo espaço da totalidade. Sentimos que o mundo co-evolui. E a vida também. Por isso, necessariamente, precisamos de uma lingüística que sirva para viver.

Referências

- AMORIN, Marília. *O pesquisador e seu outro*. São Paulo: Musa, 2001.
- ALVES, Rubem. *Conversas com quem gosta de ensinar*. Campinas: Papyrus, 2000.
- ARGYRIS, Chris. *Enfrentando defesas empresariais*. Rio de Janeiro: Campus, 1992.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral*. Campinas: Pontes, 1995, v. 1.
- . *Problemas de lingüística geral*. Campinas: Pontes, 1989, v. 2.
- BOFF, Leonardo. *Saber cuidar – ética do humano, compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- CAPRA, Fritjof. *As conexões ocultas*. São Paulo: Cultrix, 2002.
- . *Sabedoria em comum*. São Paulo: Cultrix, 1988.
- CHANLAT, Jean-François. O ser humano, um ser de palavras. In: *O indivíduo na organização, dimensões esquecidas*. São Paulo: Atlas, 1996, v. 3.
- DUFOUR, Dany-Robert. *Os mistérios da trindade*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.
- FRANCIOSI, Beatriz. *Gestão do conhecimento: estrutura aberta e fechada em rede*. Seminário PUC Virtual/PUCRS, 2003.
- FREIRE, Muniz. *A escritura psicótica*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2001.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GIANETTI, Eduardo. *Felicidade: diálogos sobre o bem-estar na civilização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- KIM, Daniel H. The link between individual and organizational learning. *Sloan Management Review*, 1993. In: BAYETT, J. et al. *O guia dos gurus*. Rio de Janeiro: Campus, 1999.
- MOSCOVICI, Fela. *Competência interpessoal*. Rio de Janeiro: Informe, 1990.
- MORIN, E. Por uma reforma do pensamento. In: *O pensar complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade*. PENA-VEJA, A.; NASCIMENTO, E. P. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.
- MONDADA, Lorenza e outros. *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.
- . *Rua*. Campinas, 1997.
- OSTROWER, Fayga. *A sensibilidade do intelecto*. Rio de Janeiro: Campus, 1998.
- PERRENOUD, Philippe. *Novas competências para ensinar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.
- SANTOS, Boaventura Souza. *A crítica da razão indolente*. São Paulo: Cortez, 2000.
- . *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Afrontamento, 1987.

¹⁵ Conforme Signorini (1998) e Moita Lopes (in: Cavalcanti e Signorini, 1998).

¹⁶ Em Teixeira (2000, p. 96), a lingüística pode ser tomada pela análise do discurso situando-se na linha de estudos fundamentados em Saussure, vendo-os, porém, sob uma nova ótica, menos formalista, que considera o *resíduo* que excede tentativas de delimitação de objetos para as ciências.

SEM, Amartya. *Desenvolvimento como liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda C. *Linguística aplicada e transdisciplinaridade*. Campinas: Mercado de Letras: 1998.

SCHAFFER, M. et al. *Aventuras do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

SETTINERI, Francisco F. Quando falar é tratar: o funcionamento da linguagem na interpretação psicanalítica. In: SCHAFER, M. et al. *Aventuras do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

SENGE, Peter. *A quinta disciplina*. São Paulo: Best Seller, 1990.

TEIXEIRA, Marlene. *Análise do discurso e psicanálise: elementos para uma abordagem do sentido no discurso*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

WEIL, Pierre e outros. *Rumo à nova transdisciplinaridade: sistemas abertos de conhecimento*. São Paulo: Summus, 1993.

WHEATLEY, Margareth; KELLNER-ROGERS, Myron. *Um caminho mais simples*. São Paulo: Cultrix, 1996.